

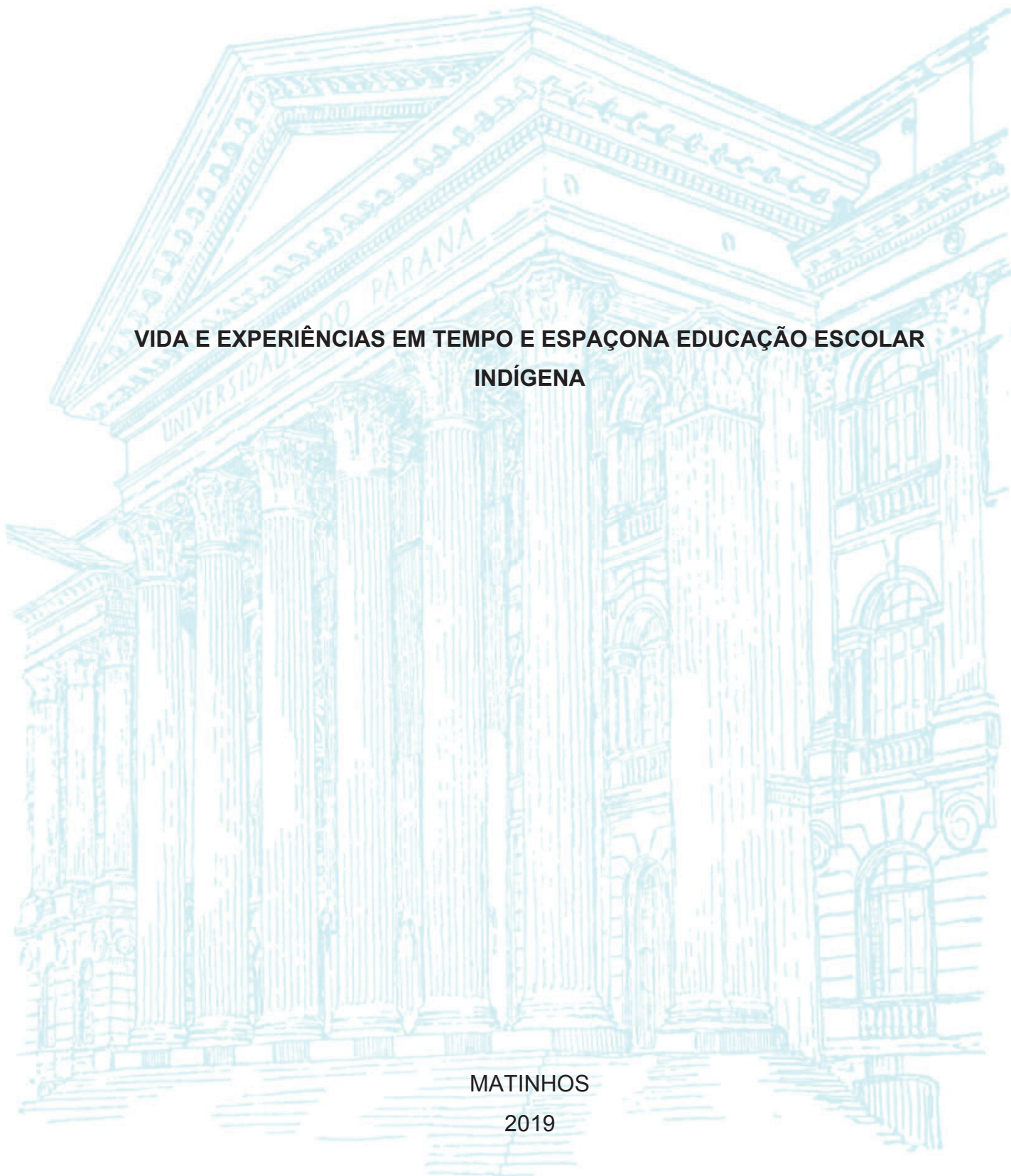
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

FERNANDO DOS SANTOS VARGAS

**VIDA E EXPERIÊNCIAS EM TEMPO E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA**

MATINHOS

2019



FERNANDO DOS SANTOS VARGAS

**VIDA E EXPERIÊNCIAS EM TEMPO E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA**

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus Pensadores, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador Prof. Dr. Eduardo Harder

MATINHOS
2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **FERNANDO DOS SANTOS VARGAS** intitulada: **Vida e Experiência em Tempo e Espaço na Educação Escolar Indígena**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 13 de Outubro de 2019.


EDUARDO HARDER

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)


LOURIVAL DE MORAES FIDELIS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)


NAHYR CARNEIRO DA SILVA

NAHYR CARNEIRO DA SILVA

Avaliador Interno

RESUMO

Trata-se de artigo em que o autor/narrador apresenta na forma de ensaio biográfico desde as perspectivas de tempo e espaço vivenciados na comunidade Guarani M'bya Araçaí, localizada em Piraquara (Paraná, Brasil), suas experiências de trabalho com educação escolar indígena. O percurso narrativo perpassa os estudos de graduação, no segundo ano do curso de licenciatura em História, nas Faculdades Integradas "Espírita" em Curitiba, na qual foram lhe apresentados os primeiros fundamentos história do povo indígena Guarani no sudoeste do Paraná. Essa referência temporal está correlacionada ao interesse pela ancestralidade indígena do autor, uma vez que seu avô materno é indígena do sudoeste, região que em que foi criado até os 13 anos de idade. Já estudando e morando em Curitiba teve contato com amigos que o levaram até Piraquara, município da Região Metropolitana de Curitiba, uma paisagem serrana com imensa área de manancial e que forma o berço do grande Rio Iguaçu, o qual percorre quase todo o estado do Paraná com uma rica floresta em Mata Atlântica. Árvores verdes, bosques de Araucárias, as curucacas cantando em suas copas, muitos tico-ticos em meio aos arbustos, o autor narra a emoção ao conhecer a região que fica próxima ao Morro do Canal, ponto turístico da região. No mesmo dia, ao receber o convite de uma colega para ir até a aldeia Guarani, mesmo com um pouco de receio de ser um invasor do território, o autor relata que foi até a casa de reza, onde ao ouvir o canto das crianças Guarani, teve arrepios e a certeza de que "algo dentro de mim pertencia aquele povo". Em pouco tempo fez a inscrição para o Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS), modalidade de contratação de docentes. No ano seguinte foi chamado para se apresentar na aldeia Araçaí e com muita emoção foi escolhido pela comunidade para trabalhar como professor em Geografia no ano de 2012. "Este foi o começo do grande estudo de minha vida, que é de ser um educador e indigenista, servir aos povos originários da América Latina em especial aos Guarani M'bya. Venho por este trabalho narrar minhas vivências, dificuldades, ensinamentos e aprendizagens dentro da aldeia Araçaí, na Escola Estadual Indígena M'bya Arandú". Em suas conclusões, o autor apresenta uma síntese do trabalho, cujo filtro de análise se condensa em recomendações e sugestões para a educação escolar indígena.

Palavras-Chaves: Educação Escolar Indígena; Comunidade Indígena Guarani M'bya.

ABSTRACT

It is an article in which the author / narrator presents in the form of a biographical essay from the perspectives of time and space lived in the Guarani M'bya Araçaí community, located in Piraquara (Paraná, Brazil), his experiences of working with indigenous school education . The narrative path runs through undergraduate studies, in the second year of the degree course in History, at Faculdades Integradas "Espírita" in Curitiba, where he was presented with the first fundamentals of the history of the Guarani indigenous people in southwest Paraná. This temporal reference is correlated to the author's interest in indigenous ancestry, since his maternal grandfather is indigenous to the southwest, a region in which he was raised until he was 13 years old. Already studying and living in Curitiba, he had contact with friends who took him to Piraquara, a municipality in the Metropolitan Region of Curitiba, a mountainous landscape with an immense area of spring that forms the cradle of the great Iguaçu River, which runs through almost the entire state of Paraná with a rich forest in the Atlantic Forest. Green trees, Araucária forests, curucacas singing in their canopies, many tico-ticos among the bushes, the author narrates the emotion when he gets to know the region that is close to Morro do Canal, a tourist spot in the region. On the same day, upon receiving an invitation from a colleague to go to the Guarani village, even with a little fear of being an invader of the territory, the author reports that he went to the prayer house, where upon hearing the Guarani children's singing , got goosebumps and the certainty that "something inside me belonged to that people". In a short time he signed up for the Simplified Selection Process of Paraná (PSS), a modality for hiring teachers. The following year he was called to perform in the Araçaí village and with great emotion he was chosen by the community to work as a teacher in Geography in 2012. "This was the beginning of the great study of my life, which is to be an educator and indigenist , serve the peoples of Latin America, especially the Guarani M'bya. For this work I come to narrate my experiences, difficulties, teachings and learnings within the Araçaí village, at the M'bya Arandú State School ". In his conclusions, the author presents a synthesis of the work, whose analysis filter is condensed into recommendations and suggestions for indigenous school education.

KEY WORDS: Indigenous School Education; Guarani M'Bya Indigenous Community

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 OBJETIVOS

1.2 Objetivos gerais

1.3 Objetivos específicos

1.4 JUSTIFICATIVA

2 MUDANÇAS E BUSCA POR NOVOS CAMINHOS

2.1 NOVOS HORIZONTES

2.2 MINHA RELAÇÃO COM OS POVOS INDÍGENAS

3 COMUNIDADE INDÍGENA TEKOÁ ARAÇAI

3.1 ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA M'BYA ARANDÚ

3.2 PRIMEIRO DIA NA ALDEIA

3.6 O PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO E ACEITAÇÃO DA COMUNIDADE

4 VIDA DE EDUCADOR

4.1 DIFICULDADES

4.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

4.3 ERROS E ACERTOS

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 REFERÊNCIAS

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a trajetória docente do autor entremeada à história de vida. Ambas buscam lançar um olhar sobre os processos contemporâneos de educação escolar indígena, em especial desde uma experiência específica. As últimas décadas têm proporcionado uma virada epistemológica, no sentido de ampliar os ecos de uma leitura do mundo socialmente compartilhada e eticamente posicionada.

Diferentes escolas e correntes de pensamento contribuem para esses novos olhares sobre antigos fenômenos, sem dispensar categorias e conceitos de análise. O objeto do pensamento passou a incorporar – finalmente – a perspectiva narrativa dos sujeitos epistemológicos que forjam em práticas e experiências singulares a transformação e relações com maior equidade.

Seguramente não se trata de cair nas velhas teias das armadilhas dicotômicas tão caras ao maniqueísmo: subjetivismo x objetividade, ciência x senso comum, conhecimento acadêmico legitimado x conhecimentos tradicionais. Para além dessas simplificações, o percurso do presente trabalho busca trilhar caminhos abertos por um prisma ético e filosófico atento à diversidade e pluralidade constituidora da esfera da vida.

1.1 OBJETIVOS

1.2 OBJETIVO GERAL:

Narrar vivências dentro da Escola Indígena M'bya Arandú de forma que a perspectiva biográfica dialogue coma historiografia e a etnografia, com respeito à coletividade indígena.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Retomar as experiências de educador em Escola dentro de comunidade indígena, com respeito ao tempo da Aldeia e como material de auxílio a novos professores.

Auxiliar novos professores não indígenas que iniciam trabalhos dentro de aldeias indígenas, de forma que não cometam os mesmos erros.

1.4 JUSTIFICATIVA

Acredito que em todas as áreas do processo de educação escolar as experiências vividas e narradas por educadores têm um importante papel nos processos de registro e investigação, para melhor compreender o que já temos como entendido e o que estamos procurando entender como educadores. Essas narrativas, quando registradas, podem dar início a um plano de ação escolar, o que facilita a prática de ensino, e também fornece um registro de nossa vivência em todo esse universo escolar, para que possamos refletir cada vez mais sobre a grandeza de ser educador.

Como educador sei que a escrita é algo que faz parte de nosso cotidiano, em que temos como tarefas básicas de nosso trabalho os registros de atividades, os planejamentos, projetos, atividades e avaliações (Villa, 2017). Acredito que os registros e a escrita podem ser mais aprofundados do que nossas tarefas cotidianas, uma vez que nosso processo no ensino e aprendizado se inicia na infância com a educação infantil, na adolescência com o ensino fundamental e médio e na juventude com a graduação. Mas também não necessariamente numa cronologia linear e regular, podendo envolver outras experiências em meio a isso.

O que pretendo dizer com este trabalho, é que em muitas vezes nós educadores deixamos parte de nossas experiências e vivências de lado para dar lugar a materiais e reflexões que pouco nos envolvem. E que pouco fazem parte de nossa consciência histórica, fazendo-nos perder de algo tão preciso que é registrar nossa caminhada, nossos acertos, nossos erros em nossa vida profissional e também particular.

Sei que a maioria dos educadores de toda a América Latina, Pindorama ou AbyaYala¹, já trabalharam em mais de uma escola em sua carreira. Mas quantas vezes paramos para registrar, seja com escrita, fotografia ou filmagem, o espaço em que trabalhamos, as comunidades, as pessoas e como elas chegaram até aquele lugar, porque estão ali e toda a paisagem que as envolve? Tudo isso faz parte do como e com o que trabalhamos Para que possamos nos envolver em uma escola, também se faz necessário o envolvimento com todo seu espaço.

¹Pindorama ou Abya Yala, designações que vem sendo usadas pelos originários em contraponto à denominação América, a qual possui uma origem etimológica desde a colonização espanhola.

Os trabalhos que relatam histórias de vida - de diversas áreas e formas, individuais e coletivas -, vêm ganhando espaço em todo o continente nos últimos anos. Principalmente em áreas de ensino e educação, que a partir dos anos 1990 começam a desenvolver novas metodologias pedagógicas (Villa, 2017). Essas novas metodologias pedagógicas tem os registros dessas narrativas como algo de extremo valor para o avanço das práticas pedagógicas.

Vejo essa prática de registro de minhas experiências como algo que possa favorecer novos educadores que estão iniciando ou já estão em prática com a educação. Cada educador possui um olhar, uma perspectiva sobre cada território em que trabalha e o que venho trazer aqui é minha experiência de educador Juruá², na Educação Escolar Indígena, no Ensino Fundamental séries finais, e no Ensino de Jovens e Adultos, com ensino Fundamental e Médio. Pretendo compartilhar uma parte de como foi iniciar os trabalhos na comunidade, minhas dificuldades, meus aprendizados e também alguns projetos que ainda estão em atividade.

²Juruá, nome usado pelo povo Guarani M'bya para se referir às alteridades pertencentes à sociedade nacional.

2 MUDANÇAS E BUSCAS POR NOVOS CAMINHOS

Nascido em Curitiba em 1987, logo recém-nascido fui levado para o sudoeste do estado do Paraná, na cidade de Dois Vizinhos, onde se encontravam as famílias paterna e materna. Sudoeste: uma região bonita, com seus morros, pinheiros de Araucárias, abundância em frutas cítricas como a tangerina, que por lá a chamamos de bergamota e que em toda esquina havia um pé que florescia no final do outono e dava seus frutos no inverno. Cidade essa que passei toda minha infância e começo da adolescência e onde morei até os 13 anos de idade.

No começo dos anos 2000 nos mudamos para Tapurah, no estado do Mato Grosso, uma região de forte exploração da floresta Amazônica pelo agronegócio. Lugar que parte de minha família paterna já estava explorando desde o final dos anos 1980. Porém família pobre tentando uma vida nova, em busca de terras, no meio de grandes latifundiários. Terminei o ensino médio lá mesmo e com algumas tentativas frustradas de vestibular na região, que só visa o agronegócio como profissão próspera, decidi explorar novos lugares. Então resolvi voltar para a terra em que tinha nascido, Curitiba.

Como imigrante de outra região do país, apenas com uma pequena mochila e uma caixa de papelão com cobertas e travesseiro, comecei a circular completamente encantado pela cidade tão sonhada que via pela televisão, com seus belos prédios históricos, o famoso Jardim Botânico de Curitiba, os modernos ônibus biarticulados, o imponente prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, os parques cheios de charme europeu. Porém, em todo esse deslumbre havia objetivos claros: a busca por um trabalho e uma moradia, para que assim pudesse dar início aos estudos.

Encontrei um alojamento - como primeira moradia - no bairro Bacacheri, com um grande aeroporto de viés militar, batalhões e parques ao seu redor. Permaneci ali por nove meses, dividindo o espaço com mais quatro meninos, todos imigrantes de outras regiões, como São Paulo, Minas Gerais e Pará. Todos também cheios de esperanças e sonhos. Consegui ser efetivado como telefonista em um *call center*, no qual trabalhei por aproximadamente três anos. Dentro desse período me mudei por três vezes em Curitiba. Tive tempo para estudar minhas possibilidades profissionais, e então percebi logo que não teria como seguir em frente trabalhando com

aeronaves, pois os custos de cursos eram muito altos e a carreira não me levava a um sentimento de satisfação.

2.1 NOVOS HORIZONTES

Comecei a buscar lugares públicos de estudo na cidade, tais como a Biblioteca Pública do Paraná (BPP), um lugar completamente fascinante e um pouco burocrático para conseguir a carteira de acesso. Mas após a entrada, pude visualizar aqueles enormes salões, com gigantescas prateleiras, algumas ainda em madeira com tom avermelhado, outras já em metal, recheadas de livros e informações. Vários andares de informação, várias salas das mais diversas formas e temas literários.

As constantes visitas à Universidade Federal do Paraná (UFPR) também foram uma imensa fonte de inspiração, pois além de fazer boas amizades, haver comidas e bebidas baratas, pude no final de 2009 decidir fazer o vestibular para o ingresso na universidade. Prestei exame para Geografia, pois o fascínio com as paisagens, com mapas, lugares e pessoas sempre foi muito grande em mim.

Sem ter conseguido ingressar na universidade pública, continuei estudando e trabalhando no mesmo *callcenter*. Em 2010 busquei estudar mais e fazer o ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio e novamente o vestibular para Geografia na UFPR, o qual foi novamente prestado sem muito sucesso. A boa notícia veio com o ENEM, que deu nota para conseguir uma bolsa de estudos de 50% pelo ProUni, Programa Universidade para Todos, do Governo Federal. Então comecei meus estudos na FIES, Faculdades Integradas “Espírita”, no curso de licenciatura em História.

O primeiro ano na Faculdade foi muito difícil, devido a necessidade de continuar trabalhando para pagar metade do valor de mensalidade, e estudar. Porém a empolgação com as disciplinas, educadores, colegas e novas possibilidades de vida e trabalho davam a energia para permanecer naquele lugar que tanto me ensinou. Outra dificuldade que tive no primeiro ano de graduação era de entender o que realmente significava História, principalmente com uma disciplina chamada Teoria da História. O que pude compreender melhor somente no terceiro ano de curso quando conheci autores com Walter Benjamim, JornRüssen, entre outros que me levaram a compreender melhor que a história é intrínseca a

consciência de homens e mulheres, e que a construção dessas consciências se dá por meio das narrativas que constroem nossa consciência.

2.2 MINHA RELAÇÃO COM OS POVOS INDÍGENAS

Ainda no primeiro ano de graduação tive uma disciplina chamada História Regional do Paraná, a qual me levou a estudar sobre a ocupação do sudoeste do estado, região originária de minha família, como descrito anteriormente.

Assim pude descobrir um pouco sobre as lutas e resistências dos povos Guarani e Kaingang na região, em Terra Indígenas (TI) como Rio das Cobras - próximo ao município de Nova Laranjeiras -, e Palmeirinha- próximo à Mangueirinha e Chopinzinho. Municípios e territórios indígenas que sempre fizeram parte da minha infância, pois ouvia histórias de meus avós e suas pescarias nos rios que cortavam as TI's. Também viajava com minha família e quando atravessava o interior desses territórios ficava encantado com aqueles lugares, mesmo sempre ouvindo palavras preconceituosas sobre o perigo que eram aquelas pessoas.

Em processos de investigação familiar e auto reflexões consegui me lembrar sobre o avô materno, Valdevino dos Santos, o qual era chamado de bugre pela minha família paterna. Em conversas com outros parentes consegui descobrir que o mesmo sempre morou em aldeias na região, porém ainda não consegui encontrá-lo pessoalmente para ter mais informações. O que consegui descobrir pelo meu pai e irmã mais velha é que ele tinha ascendência Guarani, de família vinda do estado do Rio Grande do Sul. Essas informações me levaram a crer que deveria seguir essa ancestralidade e unir com a vontade trabalhar com educação escolar.

E com esses estudos também conheci o massacre do Povo Xetá no norte do Paraná, as lutas e confrontos entre posseiros e indígenas na década de 1970, em Nonoai no estado do Rio Grande do Sul, bem como as resistências Guarani Kaiowá. Em uma escala de tempo mais longínqua, as investidas dos bandeirantes no período colonial para conquistar esses territórios, bem como as bandeiras espanholas em direção ao território do Paraguai.

Logo no segundo ano de curso decidi tentar me inscrever no Processo Seletivo Simplificado (PSS), que faz as contratações de docentes temporários no estado do Paraná. Era necessário trabalhar para continuar os estudos, então se eu

conseguisse trabalhar na mesma área seria muito melhor pois estaria dentro do mesmo universo da educação. Mesmo muitas vezes criticando a capacidade de um docente acadêmico estar em sala de aula, carregava comigo essa crítica e buscava me empenhar ao máximo em sala. Foi nesse momento que consegui iniciar minha atividade docente na Aldeia Araçaí. Isso também me levou a não aproveitar bem algumas disciplinas da graduação e até mesmo resultar em reprovações.

Conseguí concluir a graduação em História somente no início de 2016, escrevendo e pesquisando sobre Educação Escolar Indígena e quais narrativas eram usadas para o ensino de história no ensino fundamental nas séries finais, principalmente no Paraná.

3 COMUNIDADE INDÍGENA TEKÓÁ ARAÇAÍ

Para que possamos entender um pouco o quão importante é uma comunidade Guarani M'bya, se faz necessário compreender antes o nome como são chamadas suas comunidades em Guarani: Tekoá. Portanto é assim que vou denominá-las nesse trabalho. Em algumas atividades na escola em que trabalhamos sobre o tema, pude perceber que cada M'bya tem seu próprio significado para Tekoá, porém todos com o mesmo sentido, de *lugar onde moramos*.

Também é importante compreendermos que atualmente no Brasil o povo Guarani é classificado em três grupos sendo eles: Kaiowa, Nhandéva ou Xiripa e Mbya (Ladeira, 2008). A maioria dos moradores da Tekoá Araçaí são Mbya, sendo apenas duas famílias Nhandéva.

Segundo a história contada pelo Xamõe³ Marcolino da Silva, em 1999 o grupo de canto Guarani M'bya da Tekoá de Palmeirinha, liderado por ele e sua companheira Xarí Natalina, foram convidados por um vereador chamado Jorge Roberto Carvalho Grando, do município de Piraquara, para se apresentarem na região metropolitana de Curitiba. De pronto aceitaram o convite, para o qual vieram em basicamente duas famílias para a apresentação. Logo após o evento, as famílias

³ *Xamõe*, palavra Guarani M'bya, usada para se referia aos Avós, também para as lideranças religiosas, como pajés por exemplo. No feminino é chamada de *Xarí*, que tem o mesmo sentido de liderança espiritual feminina.

M'bya conversaram com o vereador sobre a possibilidade de virem de mudança definitiva para o município de Piraquara.

O Xamõe Marcolino revela que pouco antes de aceitar o convite tinha tido um sonho, no qual ele e sua família iriam encontrar um novo lugar para morar. Também nos conta que isso já vinha sendo falado e sonhado por seu falecido sogro, Xamõe Aristides.

As migrações Guarani desde antes o processo de colonização sempre foram muito importantes e constantes, algumas com sentido religioso em busca da chamada *Terra sem Mal*, lugar sagrado para esses povos, e outras com sentido de expansão territorial (Litaiff, 1996).

O vereador Jorge Grando atendeu o pedido das famílias e lhes mostrou dois possíveis territórios: um no município de Quatro Barras e outro em Piraquara. Xamõe Marcolino nos conta que na época sentiu que o primeiro território nada tinha a ver com seu sonho, mas quando chegou no segundo, pode sentir tudo aquilo que Xamõe Aristides lhe contava, bem como todo sentido com os sonhos que havia tido nos últimos tempos. Não demorou muito e logo vieram outras famílias para conhecer e viver na terra Guarani em Piraquara, que logo passou a se chamar Tekoá Araçaí, que em Guarani significa Araçaí.

No ano de 2007, já com mais de 12 famílias, o território foi reconhecido e decretado como Terra Indígena pelo município de Piraquara. Hoje a Tekoá está processo de reestudo para demarcação, processo que se encontra parado a mais de 4 anos em Brasília. A Tekoá está hoje com cerca de 20 famílias, em torno de 90 pessoas, uma Escola Estadual chamada M'bya Arandú, um posto de saúde construído pelo município, fornecimento de água pela SANEPAR e luz pela COPEL.

3.1 ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA M'BYA ARANDÚ

Logo no início da Tekoá Araçaí, por volta de 2001, um indígena de nome Guarani Nhegatú - em português Gilmares da Silva-, que possuía escolaridade de ensino fundamental (séries finais), junto com sua irmã Xerá em Guarani -Florinda da Silva em português -, de mesma escolaridade, começaram a realizar a alfabetização em português à sombra das árvores ou em suas próprias casas.

Em 2002, a comunidade já recebia diversos tipos de assistências sociais, oriundas do município, de igrejas, organizações não governamentais (ONG), entre outros. No mesmo ano, o Colégio Bom Jesus de Curitiba foi sensibilizado pelas iniciativas pedagógicas de Gilmares e Florinda e construiu uma escola em madeira, com quatro salas, uma cozinha e dois banheiros. Essa escola foi batizada *M'byaArandú*, que significa *Sabedoria Guarani M'bya*. Após concluída a obra, as atividades de educação escolar se intensificaram, até que em 2004 a Secretária Estadual de Educação (SEED), assumiu as funções burocráticas e gestão da escola.

Sofremos duas grandes perdas em meio a essa trajetória: o falecimento da professora Jerá Florinda no final de 2014 e do professor Nhegatú Gilmares no início de 2016. Perdas que fizeram muita falta e tanto impactaram toda a comunidade.

Atualmente a escola está com o antigo prédio reformado pelo estado do Paraná e uma nova instalação, construída por uma instituição social não governamental vinculada à empresa espanhola PROSEGUR, foi inaugurada em julho de 2019. Além disso, o quadro administrativo e pedagógico da escola conta hoje com duas indígenas como auxiliar de limpeza e cozinheira, cinco educadores indígenas, um secretário auxiliar indígena, uma secretária não indígena, uma pedagoga, diretor e mais seis educadores não indígenas.

As séries iniciais do ensino fundamental são ministradas por educadores indígenas. Somente nas séries finais que entramos nós, os professores jurua ou não indígenas. A escola ainda não possui Ensino Médio regular, no entanto possui o Ensino de Jovens e Adultos, uma ação pedagógica descentralizada (Aped), que trabalha com alfabetização de adultos, ensino fundamental e médio.

Alguns professores indígenas são formados pelo magistério indígena do Paraná e outros estão cursando a Licenciatura em Educação do Campo no Setor Litoral da UFPR.

3.2 PRIMEIRO DIA NA TEKOÁ

Em uma manhã de domingo no final de 2011, a estação do verão no Paraná nos permite explorar um pouco mais nossa região devido ao calor - visto que no inverno as temperaturas são muito baixas devido à altitude em que se encontra Curitiba e sua região metropolitana -, e também devido à proximidade com a tão

fantástica Serra do Mar paranaense. Tudo isso faz com que os dias de sol sejam convidativos a explorar as montanhas que estão por todas as cidades metropolitanas.

Nesse dia tive a sorte de ser convidado para ir a uma chácara da família de um colega no município de Piraquara, uma cidade com nome de origem Guarani, oriundo de PiráKuá, que significa Toca do Peixe. A etimologia do nome da cidade já me agradou e, chegando ao centro, a avenida principal tem a vista na direção leste para o morro do Anhagava, também de origem indígena. O morro é imponente e bem largo, com seu cume mostrando suas rochas de origem basáltica⁴ de cor cinza, sua base com floresta de mata Atlântica verde forte e rodeada de outros morros e montanhas que compõem a cordilheira do Marumbi, a qual também constitui um parque estadual. Além das montanhas a cidade ainda é conhecida por seus mananciais, que formam o berço do grandioso Rio Iguaçu, que em Guarani vem da palavra Yyguacu, que significa Água Grande, e que corta o estado do Paraná até sua foz na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Após passar o almoço em um lugar repleto de natureza e ar úmido pela qualidade da água, uma das colegas nos convidou para ir conhecer a comunidade Guarani de Piraquara. Em seguida solicitei a ela o contato deles para que pudessemos ir juntos e ela respondeu que sim. Logo estabeleceu comunicação com a comunidade, a qual concordou que fossemos lá participar de um fim de tarde na casa de reza, chamada por eles de Opy'í. No caminho para a comunidade ficava observando o canto das curucacas, sabiás, tico-ticos, bem te vis e outros pássaros, além das araucárias que antecediam a vista dos morros e também fixavam minha atenção. Passamos uma barragem que é chamada de Piraquara 1 ou Cayuguava e após cerca de 30 minutos chegamos na comunidade em um carro com 5 colegas.

Em momentos de observação e autorreflexão, pude apenas sentir e ficar a todo o momento lembrando do lugar onde estava e as várias sensações que isso me remetiam, como se já conhecesse tudo aquilo. Mas estava me recordando aos poucos. Fomos convidados a entrar na Opy'í e as sensações e emoções só aumentavam. Não consegui mais conversar com os colegas apenas me concentrava no que estava vivendo. Quando ouvi o canto das crianças foi muito tocante para

⁴Basáltica: rocha de origem vulcânica, sendo uma das primeiras formas de rochas após o resfriamento de lava vulcânica.

mim, me arrepiei todo, coração disparou e os olhos se encheram de lágrimas. Em pouco mais de duas horas que ali ficamos, foi o suficiente para ter a certeza que tudo de que vinha refletindo sobre as questões indígenas estavam corretas. E era a isso que iria me dedicar para estudar e trabalhar!

Retornamos para Piraquara e eu apenas em silêncio e digerindo tudo o que havia vivido. Peguei um ônibus para minha casa e só conseguia pensar naqueles poucos momentos. E assim foi a noite inteira, até chegar a minha casa, conversar com os colegas e depois sonhar com as canções Guarani ao fundo.

3.3 O PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO E ACEITAÇÃO DA COMUNIDADE

Logo após retorno do dia em que conheci a comunidade Tekoá Araçaí, comecei a pesquisar sobre educação escolar indígena e quais os requisitos para trabalhar como educador.

Na mesma semana, no final de 2011, descobri que a inscrição para o PSS estava aberta. Não pensei muito e logo me inscrevi, mesmo com algumas dúvidas de como funcionaria todo processo, e como seria esse trabalho ainda sendo acadêmico de história.

Nas férias de 2011 para 2012 fui visitar a família de minha avó materna no Mato Grosso. Retornei no início de fevereiro de 2012 e fui de avião até a cidade de São Paulo, onde iria ficar mais alguns dias de férias para fazer outras visitas e conhecer a cidade (que ainda não conhecia). Logo no segundo dia em São Paulo, recebi uma ligação telefônica me informando que eu havia sido convocado para a escolha de educadores para a comunidade Araçaí. E que deveria estar na cidade de Piraquara em dois dias, com toda a documentação, para que a comunidade fizesse a escolha. Peguei o primeiro ônibus para Curitiba e chegando de viagem logo comecei a incrível jornada para conseguir reunir toda a documentação necessária, uma das mais burocráticas que já havia enfrentado na minha vida.

Em uma manhã de quinta-feira acordei cedo, peguei minha moto e logo as 7 horas da manhã já estava em frente à Prefeitura de Piraquara, local em que encontraria com os servidores do Núcleo Regional de Educação e com outros educadores. Seguimos em uma espécie de carreta até a Tekoá e, chegando lá, fomos logo entrando na casa de reza, onde seria o local da reunião.

A primeira fala foi do novo diretor da escola e que já trabalhava lá a mais de seis anos. Depois vieram as falas do pessoal da Secretaria de Estado da Educação (SEED) e do Núcleo Regional de Educação. Logo após vieram as falas da comunidade, as quais apresentaram suas necessidades, a demanda por educadores e, por fim, os critérios estabelecidos pela coletividade para a escolha. Tivemos que nos apresentar individualmente e falar nossas intenções e como chegaríamos até lá todos os dias. Fui um dos primeiros a realizar a apresentação e fui sincero: me coloquei como aprendiz de todo ensinamento que pudesse receber deles, e que teria como ir de moto sempre que necessário.

Na sequência houve uma reunião com os membros da comunidade, cujos diálogos ocorreram apenas em língua Guarani. Naquele momento, não consegui entender nada, mas em pouco tempo a comunicação retornou ao português e foram apresentadas as pessoas que haviam escolhidas como os novos educadores da escola. E eu fui uma dessas pessoas! Fiquei repleto de agradecimentos e logo fui apresentar minha documentação. Ainda bem que tudo deu certo!

Desde esse momento venho anualmente fazendo minha inscrição no PSS e, todos os anos, até hoje, juntando o conjunto de documentos solicitados e me apresentando na casa reza. E sempre sou escolhido, talvez por um bom trabalho e hoje também pela amizade e confiança de oito anos.

4 VIDA COMO EDUCADOR

A vida como educador é um caminho no qual sinto prazer em caminhar. Nesta caminhada é necessário aprender para ensinar, é necessário compreender para explicar e também desconstruir para construir um novo mundo, uma nova consciência. Desde os primeiros dias de aula sempre me perguntei o que seria o prazer dessa profissão, além dos elogios que recebemos de amigos, colegas, família, pais de educandos e outras pessoas?

Em cerca de 8 anos de sala de aula tive algumas respostas para essa pergunta. Uma delas veio em 2016, quando fui à formatura de ensino médio de uma das minhas turmas da EJA. Passamos quase quatro anos juntos, sendo eu, Jucelina, Gildo e Adélio. Os três passaram por um processo de alfabetização, contando que muito pouco sabiam sobre escrita e leitura, depois ensino fundamental

e ensino médio. Trabalhei todas as disciplinas durante todos os anos, e ao ver eles, representantes do povo Guarani M'bya em meio a uma turma de quase 40 juruá, em uma cerimônia que ocorreu em coletivo com outras turmas do CEEBJA Zilda Arns em Pinhais, foi uma grande resposta aos meus questionamentos pessoais sobre ser educador. Depois da cerimônia fomos todos comer uma pizza, um momento simples, mas cheio de emoções e significados, pois passamos muito tempo juntos, aprendemos e ensinamos uns aos outros.

Outro momento muito significativo foi participar do processo de escolha de curso e estudos para as provas do processo seletivo de vestibular de uma educanda, que logo havia completado o ensino médio. Depois de meses de muitas conversas, muitas dúvidas e pesquisas, recebemos a notícia de que ela havia conquistado um lugar no curso de Medicina na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mais uma estudante indígena aprovada para fazer um curso tão importante para os povos indígenas e, infelizmente tão elitizado como este, é algo que realmente me deixa feliz.

Ingressar no curso foi apenas o início da caminhada dessa estudante indígena e desde o primeiro ano de sua vida universitária (as conversas continuaram, mesmo por internet), adveio o mal-estar e literalmente a vontade de chorar. Pois a realidade de pessoas indígenas em universidades públicas é bem difícil, visto que estão fora de seu tempo e espaço, sofrem muito racismo e preconceito, tanto por colegas, quanto por educadores. Sei que meu papel como educador com essa educanda ainda é vivo, pois sempre que nos encontramos conseguimos conversar sobre nossas dificuldades, nos abraçar e até mesmo chorar às vezes. Atualmente ela se encontra no final do segundo ano de Medicina e conta com a formação de um grupo de educandos indígenas da UEM que procura instaurar uma prática de auxílio e solidariedade em comum, no qual o coletivo busca enfrentar os sérios problemas que ocorrem dentro e fora da academia.

Atualmente vejo ex-alunos e alunas que fizeram parte da minha história de educador na universidade; algo que me deixa contente pois observo que um de meus objetivos nessa profissão está sendo alcançado, que é de auxiliar os povos indígenas na retomada de sua autonomia.

4.1 DIFICULDADES

Entre processos de ensino e aprendizagem houve diferentes dificuldades por mim enfrentadas tanto no contexto de educador como um todo, quanto na realidade de trabalhar com educação escolar em uma comunidade Guarani.

Em minha curta carreira cheguei a lecionar em duas escolas não indígenas: uma com ensino no centro de Curitiba e outra em Pinhais com EJA. Na verdade, foram três realidades completamente diferentes. A primeira experiência foi no ensino médio noturno, com educandos adolescentes em idade de extrema energia. O fato de as aulas ocorrerem no período noturno resultava em uma constante de muitas faltas dos estudantes, aulas “matadas”, ou seja, em que a atenção deles repousava sobre outros interesses e, também, muitas conversas. Porém destaco que em momentos especiais conseguíamos cruzar nossos tempos e sincronizar bons diálogos.

Já coma EJA para não indígenas, era “outro mundo”, pois os educandos em sua maioria apenas queriam concluir seus estudos no menor tempo possível, para buscar melhores cargos profissionais e até mesmo ir para cursos técnicos e até graduações. Ou seja, era uma relação muito mais técnica do que humana.

Apesar de ter enfrentado na educação escolar indígena algumas dificuldades desde o início, como a distância e a locomoção - por exemplo, as estradas de terra ruins, o alto custo em transporte diário -, as dificuldades de compreensão do espaço e tempo Guarani que são muito peculiares e específicos dos M'bya, esse conjunto de desafios se revelou também bem dinâmico quando começamos a nos relacionar de maneira diferenciada e com respeito a outros modos de ser e viver.

A relação com a língua também requer atenção e cuidado em sala, pois as crianças que iniciam aos 6 anos advém de um vínculo prévio com educadores indígenas. Portanto, ainda estão aprendendo a falar e escrever em português e isso significa que a maioria dos diálogos entre serão em Guarani. E como nos comportamos diante disso, faz toda a diferença, como por exemplo procurar aprender a língua Guarani é o mínimo que podemos fazer, já eles se esforçam para compreender a língua portuguesa. Além disso, formas diferenciadas de avaliação também são importantes, pois em nosso formato de avaliação individual tradicional

as conversas em Guarani são predominantes. E não podemos proibir, portanto, avaliações coletivas e diferenciadas, as quais são de extrema importância.

Outra dificuldade que sempre enfrento se refere às condições de trabalho e financeiras impostas pelo Estado para os professores temporários contratados por meio do PSS. Nossa classe é a menos favorecida no setor educacional. Em todas as ações sindicais de enfrentamento, a imposição estatal relativiza nossas pautas e as trata com menos prioridade. A insegurança e incerteza na manutenção dos contratos de trabalho, bem como as regras dos novos processos de seleção constituem exemplos compartilhados em comum. Atualmente, o governo do estado do Paraná está mudando as normas de contratação via PSS, o que tem levado a mais incertezas se e como vamos trabalhar nos próximos anos.

4.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação escolar indígena tem seu início junto com as missões Jesuítas, no processo de catequização dos povos originários, talvez como forma de salvá-los de um genocídio, talvez como forma de conquista territorial pelos europeus ou até mesmo como imposição religiosa.

Um dos grandes mitos da educação escolar indígena é de seu ensino ser apenas por meio de narrativas da língua falada. Mas o fato é que a catequização iniciou um processo de genocídio das línguas dos povos originários, em que foi imposto nosso alfabeto até mesmo para escreverem sua própria língua. Hoje muitos desses povos estão utilizando esse passado para retomar o que foi perdido, roubado e assassinado em sua cultura durante todos esses anos de colonização.

Falar de educação e escola também é falar de infância e que existem várias formas de pensar isso. Uma dessas formas reside no papel da escola e da aprendizagem, e o que podem possibilitar está ao mesmo tempo conectado a como na escola a infância pode ser negada em suas diferentes especificidades de desenvolvimento (GRANDO e ALBUQUERQUE, 2012).

A infância é a fase mais significativa para o ensino e aprendizado tradicional Guarani. E nós, a sociedade envolvente não indígena, estamos inseridos dentro da escola com formas e formatos colonizadores. Temos o dever permanente de estar atentos à atuação de cada criança, como sujeitos ativos na construção da vida

social, nos processos educativos e também às especificidades de infância de diferentes grupos sociais (OLIVEIRA, 2012). Esse tipo de atenção faz uma diferença na formação desse sujeito, para que possa ao mesmo tempo estar ligada a permanência das atividades tradicionais e originárias. A relação de ensino Guarani é ligada diretamente à educação e à religião, como diz Oliveira:

A valorização da tradição significa fundamentalmente uma preocupação em não se esquecer de *Nhaderú* e em manter uma comunicação intensa por meio de rezas. Centralizado que está nos saberes do Karáí, o resgate da tradição exige uma atitude pedagógica, de ensino aprendizagem desses saberes. Essa pedagogia envolve a todos e dá-se mediante um duplo movimento: uma preocupação em ensinar por parte das gerações mais velhas e um interesse em aprender por parte das gerações mais jovens, entre estas as *Kýringué*, de modo que tanto quem ensina como quem aprende são considerados sujeitos no processo de ensino aprendizagem. (Oliveira, 2012, p. 110).

Para que possamos compreender um pouco melhor essa forma de educação se faz necessário aprender que *Nhaderú* é a divindade principal na cosmogonia Guarani, que é politeísta em sua origem e atualidade. Portanto o vínculo de ensino com os mais velhos é diretamente ligado a ele. As crianças menores são chamadas de *Kýringué* e também tem o papel aprender e ensinar aos mais velhos os verdadeiros sentidos da vida Guarani.

Faz-se necessário a compreensão desses ensinamentos para que possa ser trabalhada a educação escolar indígena de forma efetiva e descolonizadora. Pois a escola no formato dos juruá tem necessariamente que estar ligada a *Opy'í* de forma direta, para que o potencial ético de uma educação intercultural esteja ativo nas relações com os povos originários.

Os conteúdos e a posição docente em relação a essas crianças precisam ser constantemente objeto de reflexão. Devem estar pautados pelo respeito e observar um lugar social não colonizador, para que esses conhecimentos não interfiram na educação Guarani originária e possam sempre fazer relação a esses ensinamentos.

Acredito que o ensino e aprendizagem em comunidades Guarani podem e devem ser cada vez mais aprofundadas. E isso depende da equipe pedagógica de cada escola, bem como de cada educador e seu empenho e envolvimento com os processos educacionais.

4.3 ERROS E ACERTOS

A vida profissional na educação escolar é repleta de experiências, em que continuamos aprendendo mesmo com nossos erros, por mais que simples que sejam e se tornam um momento a mais para a formação de nossa consciência. Em minhas experiências individuais, percebi o quanto somos educados a partir de uma base educacional colonizadora e competitiva, de origem científica grega e romana, com forte influência da cultura europeia. Difícil, mas necessário, é o nosso desprendimento dessas bases.

Pude perceber em meus primeiros anos como educador o quanto tudo isso estava impregnado em mim. Tive que buscar novas bases, para que pudesse me desprender de tudo isso. Uma delas foi procurar escutar mais o que o movimento social indígena estava buscando em suas áreas da educação escolar indígena. Aprendi que muitos dos conteúdos que acessava presentes nos livros didáticos fornecidos pelo governo do estado do Paraná eram completamente colonizadores, e dificultavam meu desprendimento dessas bases.

Por isso busquei outras formas de saberes e conhecimentos em movimentos de cunho nacional e latino americano, como por exemplo o movimento pelo Bem Viver ou *Buen Vivir*, o qual pode ser compreendido como uma proposta em contraposição ao desenvolvimento capitalista, em harmonia com a natureza, os princípios da reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre os indivíduos e comunidades (ACOSTA, 2016). O Bem Viver, se assemelha muito com o *Nhederekó*, filosofia de vida Guarani que busca uma boa relação entre sua cosmovisão e a vida material. Em harmonia com tudo o que vive ou mantenha a vida. Essas bases são fontes de inspiração para trabalhos interculturais e diferenciais nessa área da educação.

Outra saída para melhorar o ensino foi buscar parcerias e projetos que envolvessem a escola e a comunidade. Uma delas foi um projeto que realizei em conjunto com a turma de 2017 do curso de Agroecologia do Setor Litoral da UFPR. Em 2018, sob a mediação da professora Suzana Marques Rodrigues Álvares, fizemos inicialmente uma investigação sobre as demandas da comunidade relacionadas às práticas da agricultura. Utilizamos uma perspectiva centrada no diálogo de saberes como metodologia de acesso à essas demandas e proposições e, logo na sequência, realizamos planejamentos de ação coletiva.

A partir desses pressupostos começamos a organizar os mutirões da turma de Agroecologia da UFPR em conjunto com a escola e comunidade. Conseguimos manter a horta da escola sempre em atividade, auxiliar no manejo da roça Guarani, mediar a iniciação de um sistema agroflorestal em fase experimental. Os trabalhos ainda estão em curso; foram cerca de 9 encontros até o momento. Porém os resultados já são bem satisfatórios para toda a comunidade, pois algumas mudas de bananeiras já estão produzindo e também a roça de mandioca está alimentando parte da comunidade.

Esse é um exemplo de acerto, em que um trabalho planejado coletivamente pode atuar de forma positiva dentro uma escola indígena. Outros projetos estão sendo realizados na comunidade e devemos ter em mente que sempre precisamos buscar nos unir para melhor atender as demandas e proposições da Tekoá Araçaí.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

É de suma importância expressar que as colocações aqui escritas foram expressas por experiências pessoais, desde a parte individual até a parte coletiva nas relações com o povo Guarani M'bya. Ressalto que na parte da história da comunidade Tekoá Araçaí, da escola M'bya Arandú, as lutas dos povos originários e os projetos que os envolvem, os verdadeiros protagonistas e donos dessas histórias são o povo indígena M'bya.

Agradeço muito a tudo que esse povo me proporcionou e proporciona até os dias de hoje. Também a nossa relação de amizade e ao mesmo tempo de trabalho intenso e permanente pela luta de todos os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Os estudos sobre como trabalhar em conformidade com uma descolonialidade proposta pelos povos originários seguem permanentemente em atividade. Acredito que os diálogos e as trocas de saberes nos enriquecem e nos mantêm ativos nessa luta.

Uma recomendação que posso deixar aos novos educadores, que estão iniciando a caminhada junto aos povos indígenas, é de deixarmos o lugar de protagonistas da própria história a eles. E de escutar e refletir mais as suas falas e

ter como um dos objetivos a busca pela autonomia e soberania dos povos originários.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2012, p. 41-50.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. São Paulo: Edusp; Maringá: Eduem, 2008.p. 53–127.

LITAIFF, ALDO. **As divinas palavras**: identidade étnica dos Guarani-Mbyá. Editora da UFSC: Florianópolis, 1996. p. 121-132.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UNB, 2002.

OLIVEIRA, Melissa de. Nhanhmbó'é: infância, educação e religião entre os Guarani de M'biguaçu, SC. In: MORETTI, CHERON ZANINI; ADANS, TELMO. **Pesquisa Participativa e Educação Popular**: epistemologias do sul. Educ. Real. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018. P 93–112.

PÉREZ, Oresta López. Otrasvoces, nuevas preguntas: histórias de vida de maestros indígenas Teneeks y Nahuas de San Luis Potosí, México. In. REZ, OrestaLópez. **Educación rural en ibero américa**: experiencia histórica y construcción de sentido. Editora AnroartEdiciones, S.L. Espanha, 2009.p. 53-66.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz.; GRANDO, BeleniSaléte.; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. **Educação indígena**: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização.

VILLA, Alicia Inés. **Seminario: Narrativas docentes**: otras formas de documentar la experiencia. Universidade de La Plata. Faculdade de Humanidades y Ciencias de la Educación, FAHCE. Ensenada, Buenos Aires, Argentina, 2017.